

# ASTÚCIAS DO CONTEXTO NA LEITURA DE IMAGENS

Sandra Ramalho e Oliveira - UDESC

## RESUMO

A relação entre texto e contexto no âmbito da semiótica é frequentemente objeto de discussão. Alguns rechaçam os aportes semióticos afirmando que se trata de uma abordagem que não leva em conta o contexto. A. C. OLIVEIRA (2004) afirma que as marcas do contexto estão no texto. RAMALHO E OLIVEIRA (2009) vê no Plano de Conteúdo hjelmsleviano a dimensão onde texto e contexto dialogam. Há quem afirme que o próprio texto seja o contexto dos signos. Trago aqui uma experiência pessoal ocorrida em julho de 2017 para participar dessa discussão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura de Imagens; Texto e Contexto; Plano de Conteúdo.

## 1. CONTEXTUALIZANDO

Ao pensar em formular as questões que colocarei a seguir, lembrei-me do diálogo entre Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, no conto infantil do século XIV, inicialmente publicado por Charles Perrault e depois pelos Irmãos Grimm, tendo recebido muitas versões ao longo do tempo, em práticas sucessivas de intertextualidade. Mas mesmo na cultura oral esse diálogo é privilegiado, pois estando na iminência de ser descoberto no seu ato de manipulação, disfarçado de Vovó, o Lobo passa para a competência, comendo a menina, segundo umas versões, ou quase isto, segundo outras. É um momento de tensão e suspense. Lembro deste trecho do diálogo entre a Menina e o Lobo porque minhas perguntas são ingênuas como as da Menina; e as respostas do Lobo são tão óbvias como as que eu respondo para minhas próprias perguntas.

Lembrei também de um texto de Greimas, que li há um bom tempo, na qual o lituano relata que, após uma conferência sua, alguém da plateia perguntou para que servia a semiótica. Em resposta, ele disse: “serve para não dizer bobagens” (em tradução livre minha, pois a interpretação mais erudita – e educada – da resposta seria “disparates” ao invés de “bobagens”).

Animada pela segunda lembrança, lanço então as minhas questões: para que serve ler imagens? Para ler o mundo, responderia eu. A leitura de imagens não faz parte da aula de artes? Pode se tratar da leitura de outras imagens que não sejam arte? Eis as primeiras perguntas de Chapeuzinho.

E qual a importância de ler o mundo, então? Para nele melhor se situar. Para ter mais clareza na hora de fazer escolhas. Para praticar a liberdade de escolhas. Para exercer a cidadania, enfim. E qual a importância do contexto na leitura da imagem?

Esperando não ser abocanhada pelo Lobo e que o Caçador chegue rapidamente, passo ao relato de uma experiência por meio da qual, neste ano de 2017, a essas alturas da vida, aprendi alguma coisa não propriamente nova, mas diferente.

## 2. A LEITURA VISUAL EM UM *PUB*

Em uma cidade do exterior, meu marido e eu entramos em um típico *pub* inglês, embora não estivéssemos na Inglaterra nem na Grã-Bretanha. Passou da hora do almoço, estávamos com pouca fome, resolvemos fazer apenas um lanche, assim não fomos a um restaurante. Um *pub* seria o ideal.

Como grande parte dos *pubs*, esse ficava no subsolo e era acessível por uma escadinha estreita. Tudo escuro, a escada, o ambiente, muita madeira escura, nas paredes, no mobiliário. Em outros tempos, haveria uma nuvem de fumaça de cigarro. Hoje, não mais. E eram 14 horas.



Figura 1 - Um *pub* inglês na Rússia  
Fonte: Acervo da autora

Ainda havia uma TV ligada, transmitindo um jogo de *rugby*, esporte nascido e muito difundido na Inglaterra e Grã-Bretanha. Contrastando com a escuridão, havia apenas a luminosidade impertinente e invasora da televisão, bem como um quadro com a imagem de um inglês fazendo um brinde que, pelo colorido e pelo local onde estava colocado parecia se dirigir a toda a clientela potencial.

Além de muita madeira escura, alguns objetos *retrô* se inseriam no ambiente, conferindo um ar de aconchego, dado o apelo à memória: um gramofone, uma máquina de moer carne (quem se lembra disso?), enfim, objetos em ferro, cobre e latão, além de alguns

cartazes inteligíveis, pois escritos em inglês e não no alfabeto cirílico, incompreensível para nós, usado para a escrita do idioma russo.

Lembrando, *pub* (pronuncia-se *pâb*) é uma abreviação do inglês *public house*, cujo significado é “casa pública”, e designa um tipo de bar muito popular no Reino Unido, República da Irlanda e outros países de influência britânica. Geralmente oferece bebidas alcoólicas e comidas rápidas. Realmente, nossa escolha parecia ser acertada; e foi, embora não se quisesse estragar a noite bebendo álcool àquela hora, embora o menu apresentasse uma diversidade de cervejas jamais vista por mim. Mas como cerveja não me apetece, sequer tentação senti, já que também fazia parte do cardápio os *soft drinks*, ou seja, bebidas não alcoólicas.

Segundo informações de uma amiga que morou em Londres, o *pub* tem especial significado para os britânicos e distingue-se de outros bares por manter o estilo medieval com pouca iluminação, o que o transforma num ambiente muito acolhedor. Realmente, eu estava em um *pub* quase inglês, não estivesse ele situado em St. Petersburg, na Rússia.

Ao me acomodar, uma imagem capturou meu olhar, vencendo uma disputa com a luz da TV. Ela iluminava o ambiente pelo contraste de suas cores com as demais do ambiente, tão lúgubres quanto acolhedoras. E ainda porque havia uma luminária que, ao incidir a luz sobre ela, tornava-a ainda mais destacada. Tendo um fundo onde predominava o branco, um homem de chapéu preto, luvas brancas e um uniforme vermelho com galões dourados, ostentava outros símbolos de distinção, inclusive uma coroa dourada sobre o peito. Assim, não é *expertise* ou privilégio de semioticista ter a atenção capturada por essa imagem, no contexto de um *pub* inglês na Rússia.



Figura 2 - Um guarda brindando num *pub* inglês

Fonte: Acervo da autora

Vista de longe, a imagem era muito convincente: um guarda real (que era o que eu pensava que ele era), brindando os frequentadores do *pub*. Uma instituição britânica, um guarda real, em plena integração com outra instituição britânica, o *pub*. Fazia sentido. Mas aquele brinde me parecia um pouco estranho e irreverente, malgrado essa integração entre duas instituições nacionais, o guarda e o *pub*, embora estejamos vivendo em um período onde mesmo os países tem sua gestão de *marketing*, onde o poder passa pelo posicionamento das suas instituições, e todos os textos oferecidos pala família real britânica, dos textos verbas dos discursos oficiais às declarações jornalísticas dos príncipes, das cores dos vestidos das damas reais aos modelos de chapéus, das gravidezes às aparições em boates da moda e às ações militares. O *glamour* da família real – que se não fosse eficaz o regime monárquico já teria sido derrubado – distraindo a população dos problemas políticos “reais”.

### 3. O SENTIDO DE UM BRINDE

Mas aquele imagem ainda me incomodava: por mais que a Grã-Bretanha fizesse *marketing* da sua tradição, como marca e como suporte da continuidade do seu poder, um guarda brindando em um *pub* me parecia um pouco demasiado. Depois, o olhar do guarda não se dirigia ao fotógrafo, ou seja, ao interlocutor, ou interlocutores. Seu olhar estava voltado para a direita; e a troca de olhar, em um brinde, é fundamental. Antes de qualquer coisa, fotografei, para semiotizar com calma depois de “matar a fome”.

Fui então, obter mais dados. O que é brindar? Qual o seu sentido, que parece universal? Soube então que o costume remonta a tempos imemoriais. Soube que o sentido mais remoto fala que se tratava de oferenda aos deuses, Baco em Roma e Dionísio, na Grécia; também se tem notícia que poderia servir para saciar a sede de deuses, como até hoje se faz no Brasil, derramando um gole de bebida no chão, para o “santo”... Isto já se fazia há muitos séculos atrás. Outro sentido dado ao ato de brindar era o de selar o acordo de final de conflitos. O vencedor dava o primeiro gole para provar que a bebida não estava envenenada. Mas geralmente, em nossos dias, se brinda para desejar felicidades para alguém que é o anfitrião ou o aniversariante e, principalmente, para augurar saúde para os comensais. E em todas estas situações, erguer o capo só se completa com a troca de olhares, seguido de palavras, conforme o caso, mas tudo é recíproco. Então, haveria um motivo para o brinde do guarda real?

Depois, analisando as imagens disponíveis na rede que retratam brindes, especialmente em fotografias, percebi que a grande maioria tinha estrutura de imagens e figuras em diagonal, de certo modo, desestruturadas, e não rígidas como a imagem do Guarda (Real?).

#### 4. OS UNIFORMES INGLESES

Bem, descobri, pelos meios eletrônicos os mais populares, que aquele uniforme não é o da Guarda de Sua Majestade, mas o da Guarda da Torre de Londres, muito mais tradicional, pois a torre data do século XI. Os guardas da rainha têm um uniforme um pouco mais discreto, como pode ser observado.



Figura 3 - Guarda da Rainha da Inglaterra  
Fonte: Acervo da autora

O uniforme dos guardas da Torre de Londres expressam ainda mais tradição: são como um vestido, casaco ou túnica que vai até abaixo dos joelhos, sobre o qual usam um cinturão e sob o qual usam calças compridas. Os uniformes convencionais tem o mesmo corte e alguns detalhes iguais ao do uniforme de gala. O convencional é azul escuro com detalhes em vermelho. O de gala é vermelho com detalhes em dourado e azul escuro.



Figura 4 - Traje convencional da Guarda da Torre de Londres  
Fonte: Disponível em <http://biabisa.blogspot.com.br>

Além disso, o uniforme de gala apresenta, no pescoço, um adereço denominado *fraise*; trata-se de um modelo de gola trazido por Catarina de Médicis da Itália para Paris, quando se tornou rainha da França, no século XIV. O *fraise* era totalmente branco e usado por homens e mulheres da aristocracia. Seu nome deriva de *fraises de veau*, ou vísceras de bezerro, com o qual esse tipo de gola mantém relação de semelhança em termos de forma. Também foi chamado *fraises en roue de charrette*, ou vísceras em roda de charrete, por se parecer com uma roda, em cujo eixo se situa a cabeça. Ou seja, o *fraise* é aquele babado branco engomado, alto, formando favos, geralmente rendado, que pode ser visto em grande parte dos retratos da nobreza europeia. E no uniforme de gala da guarda da Torre de Londres.



Figura 5 - Guarda da Torre de Londres

Fonte: <http://molhoingles.com/torre-de-londres-e-assaltada>

Na figura 5, atrás do guarda em uniforme de gala está a própria Torre de Londres, palco de inúmeros acontecimentos históricos. Sendo hoje um dos pontos turísticos mais visitados em Londres, este palácio-fortaleza é patrimônio universal e já foi tanto casa da moeda como prisão, entre outros usos, o que inclui a morada dos soberanos antes da construção do atual palácio de Buckingham.

E em se olhando mais de perto para a imagem do Guarda da Torre de Londres no *pub* russo, percebe-se que o objeto transparente, de vidro, cristal ou acrílico que não é um copo ou taça, mas uma réplica da própria Torre de Londres. O cetro que alguns guardas e em algumas ocasiões especiais ostentam, é símbolo de autoridade e poder e alguns apresentam na parte superior um outro símbolo, referência à dignidade específica que lhe é conferida. Enfim, no cetro dos guardas da Torre de Londres figura, transparente, uma imagem da Torre. As mãos de luvas brancas não seguram uma taça de bebida para fazer um brinde, portanto.





Figura 6 - Detalhe da imagem de um guarda brindando num *pub* inglês  
Fonte: Acervo da autora

Nada a ver com copos, taças, brindes e, menos ainda, com *pubs*.

## 5. AS ASTÚCIAS DO CONTEXTO

Não importa aqui se o dono do *pub* é ingênuo ou se colocou a imagem ali premeditadamente. O que importa são os efeitos de sentido que esse discurso visual provocou, senão não se estaria fazendo este relato.

Desvelado o equívoco na leitura da imagem do guarda que, afinal, não estava brindando, decorrente de contingências do contexto onde a imagem foi inserida, conclui-se que o contexto assim como ajudar a perceber o que a imagem diz, pode também levar a perceber sentidos que não conferem com o que ela diz.

Daí o título: astúcias do contexto. Quantos contextos, ao longo da vida, nos têm induzido a erro? O contexto é uma fonte fidedigna? Não, neste caso, não foi.

O substantivo *astúcia* me veio logo à cabeça quando passei a refletir sobre este caso. Tendo como sinônimos habilidade de enganar, esperteza, manha, sagacidade, arдил, e como eu queria mostrar que o arдил era do contexto, logo me veio à mente a palavra muito usada por Landowski em francês, *astuces*, cuja veiculação maior, por conta de ser um título de livro – “As astúcias da enunciação” – , é de autoria de José Luiz Fiorin (1996).

Fiorin dedica este livro às três categorias enunciativas que permitem ao sistema passar a discurso, ou seja, espaço, tempo e sujeito, que juntos adquirem sentido e dão vida à linguagem. Outro ponto importante destacado por Fiorin ao longo deste trabalho é o fato de que o discurso é o lugar da instabilidade. Muito aquém de tudo isto, não obstante a instabilidade também da linguagem visual, já que o objeto de Fiorin é a linguagem verbal,

esta obra, por conta de seu título, oferece mais um dado semântico para se pensar qual o papel do contexto na apreensão dos efeitos de sentido.

Neste caso, no caso da foto do guarda da Torre de Londres no *pub* russo, a análise e a consideração do contexto em relação ao texto, ou para ajudar a entender o texto visual, conduziu a equívocos.

## 6. CONSIDERAÇÕES

A relação entre texto e contexto no âmbito da semiótica ou fora dela é frequentemente objeto de discussão. Os menos entendidos rechaçam os aportes semióticos afirmando que se trata de uma abordagem que não leva em conta o contexto. Outros afirmam que as marcas do contexto estão no texto. Ou que o Plano de Conteúdo hjelmsleviano é a dimensão onde texto e contexto dialogam. Há quem afirme que o próprio texto seja o contexto dos signos.

Aqui proponho mais um aspecto a considerar pelos estudiosos de imagens: o contexto pode interferir negativamente nos processos de apreensão de sentidos de discursos visuais, levando a leituras equivocadas, principalmente em se tratando de leituras apressadas procedidas no cotidiano, que é o que na maioria das vezes fazemos, parte que somos do fluxo multissensorial e multissemântico diário.

Das lembranças das perguntas ingênuas de Chapeuzinho Vermelho ao desvelamento das armadilhas do contexto, com as bênçãos de Greimas ao dizer que a semiótica serve para não dizer disparates, construímos mais este discurso, lugar de instabilidades.

## REFERÊNCIAS

GUILLEMARD, C. **Les mots du costume**. Paris: Berlin, 1991.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.

LANDOWSKI, E. **Passions sans nom**. Paris: PUF, 2004.

OLIVEIRA, A. C. Semioses Pictóricas. In: OLIVEIRA, A. C. (Org.). **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker, 2004.

RAMALHO E OLIVEIRA, S. **Imagem também se lê**. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2009.